

## Temas do *inflectum* e *perfectum*: uma leitura do verbo português pelo modelo latino

Liebert de Abreu MUNIZ<sup>1</sup>

**Resumo:** Estudar a conjugação verbal do português, e de outras línguas, quase sempre está associado exclusivamente ao exercício exaustivo de memorização, aleatório e caprichoso. A proposta deste artigo é mostrar que o estudo dos verbos em português pode ser aplicado de forma mais lógica e sistemática. Para isso, o modelo lexicográfico e os temas verbais de *inflectum* e *perfectum* do latim podem servir como paradigma. A irregularidade dos verbos em português, como em latim, pertence, por excelência, aos radicais; as mudanças vocálicas ou consonantais são resultado de acidentes fonéticos e parecem seguir certos parâmetros. Associar o processo de formação dos verbos em latim pode ser bastante facilitador para o ensino do português em todos os níveis.

**Palavras-chave:** Conjugação; Tempos primitivos; Latim; Português.

**Abstract:** The study of portuguese verbal conjugation, and other languages, nearly always is associated exclusively to exhaustive exercise of memorization, fortuitous and fickle. This paper proposes to show that the study of the verbs in Portuguese can be applied more logically and systematically. For this, the lexicographic model and the Latin verb-stems *inflectum* and *perfectum* can serve as paradigm. The irregularity of the verbs in Portuguese, as in Latin, belongs to stems par excellence; the vocalic or consonantal exchanges are result of phonetic accidents, and seem to follow several patterns. To associate the process of formation of the verbs in Latin can be enough facilitator for teaching of the Portuguese at all levels.

**Keywords:** Conjugation; primitive tenses; Latin; Portuguese.

### Introdução

Parece comum a opinião de que a conjugação verbal do português é matéria de grande complexidade. No ensino tradicional, essa disciplina da gramática é, decerto, a mais temida pelos discentes devido à amplitude do conteúdo, às suas muitas "irregularidades" e à falta de sistematização deste tema que dispense o, por vezes, antídídático trabalho de memorização. Alheios a uma abordagem lógica e sistêmica, os discentes chegam até a pensar não haver outra forma de compreender essa matéria, que não pela memorização exaustiva. Longe de nosso interesse desdenhar do papel da memória no processo de aprendizagem, antes, com fito de dinamizar a assimilação da conjugação verbal portuguesa, nos parece melhor destinar à memória

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Fortaleza – CE. Atualmente é doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas – SP. Bolsista CNPq. Correio eletrônico: liebertmuniz@yahoo.com.br.

os componentes da conjugação verbal – vogais temáticas, desinências número-pessoais e modo-temporais – e deixar ao encargo de uma abordagem sistemática, e não uma arbitrariedade caprichosa, os temas ou radicais envolvidos na conjugação.

Ao longo do texto, faremos uma análise do enunciado dos verbos no léxico latino. Veremos como o dicionário latino, na base de três temas verbais – *concentrar-nos-emos*, principalmente, no *infectum* e *perfectum* –, organiza as entradas lexicais dos verbos como um recurso didático-descritivo. Esse recurso se mostrará facilitador para a conjugação dos verbos latinos, uma vez que todos eles, *regulares* e *irregulares*, se ajustam a uma sistematização rigorosa<sup>2</sup>.

O presente trabalho procura ser, a cada página, bem didático, a fim de que se torne acessível aos interessados em análise do latim e do português, mesmo àqueles que estão dando os primeiros passos na descrição da língua de Cícero e do nosso vernáculo. Ao mesmo tempo procura oferecer, quando necessário, detalhes filológicos, fato que pode tornar o texto um pouco mais denso. Nada, porém, que não possa ser contornado com uma dose de curiosidade e paciência.

### **Infectum, perfectum e o dicionário**

Como sugere Ernesto Faria (1985, p. 228), o sistema de conjugação indo-europeu apresentava uma extraordinária complexidade, muito pouco percebida nas línguas indo-europeias hoje conhecidas, mesmo as mais antigas, como o sânscrito, o grego e o latim. Essas línguas, ao que parece, seguiram uma tendência já presente no indo-europeu, a de simplificar o complexo sistema verbal. A língua latina, ao seu modo, simplificou substancialmente esse complexo sistema indo-europeu, e a tendência supracitada pode ser por nós percebida, em latim, na constituição de dois temas principais para a conjugação, *infectum* e *perfectum*, em cuja oposição toda a flexão verbal latina se baseia<sup>3</sup>.

2 A tipologia dos verbos latinos, e portugueses, é variada. Por não apresentarem grandes dificuldades e para sermos práticos em nossos objetivos, não levamos conta, neste trabalho, os verbos ditos defectivos, depoentes e semi-depoentes.

3 Os temas do *infectum* e *perfectum* desempenhavam uma importante função em latim, a de indicar o processo verbal; o *infectum* conferia à ideia expressa pelo verbo a noção do inacabado, o *perfectum*, a noção do acabado. Noutras palavras, conferiam respectivamente as noções de incompletude e completude. Parece-nos inevitável que aqui estejamos falando de aspectos verbais. Essa teria sido a principal característica dos temas em indo-europeu, e, em grego clássico, esses temas funcionavam como legítimos aspectos verbais. Ernesto Faria (1985, p. 229), apesar de admitir que o *infectum* servia de base para conjugar formas verbais

Tudo indica que, no latim arcaico, esses temas eram absolutamente independentes um do outro, de tal forma que não era possível deduzir o tema do *inflectum* a partir do *perfectum* e vice-versa. Esse traço sobreviveu em latim clássico nos verbos considerados irregulares como *sum* e *fero*, cujos temas do *inflectum* são respectivamente *su-* (e es- como veremos mais detalhadamente) e *fer-*, e do *perfectum* são *fu-* e *tul-*. Cada vez mais esses temas foram se aproximando, de modo que nos verbos ditos derivativos já se podia perceber certa afinidade entre os dois temas, por exemplo, o verbo *laudo*, do latim clássico, cujos temas de *inflectum* e *perfectum* são respectivamente *lauda-* e *laudau-*. Como veremos mais adiante, esses dois temas conferem à conjugação latina certa rigidez, e são como que o coração da flexão verbal; distingui-los será fundamental para a conjugação precisa dos verbos latinos em seus devidos tempos, modos e vozes.

Didaticamente falando, o enunciado dos verbos em um dicionário latino é bastante diferente do enunciado dos verbos em um dicionário de língua portuguesa. Neste, os verbos são dados apenas em sua forma infinitiva, naquele, em geral, pelo menos cinco formas são dadas, a essas se convencionou chamar de formas primitivas do verbo<sup>4</sup>. A razão do enunciado latino é bastante prática e lógica: toda e qualquer forma verbal deve derivar de uma das formas primitivas, nada surge do nada, e o consulente precisa perceber isso. Como exemplo, vejamos o verbo latino *habeo*, *es*, *ui*, *itum*, *ere*<sup>5</sup>; as cinco formas são respectivamente a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo ativo, a 2ª pessoa do singular do presente do indicativo ativo, a 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo ativo, o supino e o infinitivo presente. Para os nossos propósitos, duas informações são fundamentais, os temas do *inflectum* e do *perfectum*. Seguindo a orientação de Ernesto Faria (1985, p. 159), encontra-se o tema do *inflectum* retirando a desinência

---

de ação incompleta e o *perfectum* para conjugar formas verbais de significação completa (1985, p. 158 e 166), sugere que o latim trouxe uma inovação, ele substituiu a noção de aspecto pela de tempo. Tal sugestão parece não levar em conta todos os sentidos dos temas, dirimindo o traço aspectual. Parece razoável a existência de um traço temporal – sobretudo para explicar que cada tema tenha um correspondente presente, passado e futuro –, mas sem eliminar por completo o aspectual.

4 Não é de nosso interesse, pelo menos neste trabalho, discutirmos as convenções lexicográficas e os critérios empregados nos dicionários. Para essa discussão sugerimos o interessante trabalho de Giovanna Longo (2006).

5 Para o enunciado dos verbos latinos, sempre que necessário apresentá-lo por completo, seguiremos o proposto por Saraiva (2006), decerto o dicionário latino-português mais consultado por estudantes e pesquisadores brasileiros.

número-pessoal -s- de 2ª pessoa do singular do presente do indicativo ativo, assim o tema do infectum do verbo modelo é *habe-*<sup>6</sup>; o tema do perfectum encontra-se retirando a desinência número-pessoal -i- de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo ativo, assim, o tema do perfectum do verbo modelo é *habu-* (FARIA, 1985, p. 166).

Um terceiro tema pode ser encontrado na penúltima forma dada no enunciado, mas que por ora não nos interessará; trata-se do tema do supino, fundamental para a construção algumas formas nominais e para a voz passiva dos tempos do *perfectum*. Toda essa descrição das formas primitivas do verbo latino – herança indo-europeia –, é consideravelmente facilitadora, como afirmam Meillet & Vendryes (1960) e Lindsay (1914), e perceber o funcionamento dessas formas no enunciado parece conferir certa segurança aos consulentes.

*Mutatis mutandis*, o enunciado de um dicionário português, quanto aos verbos, não diz muito, e de posse da forma infinitiva os consulentes não conseguem, nem podem, deduzir todas as formas verbais possíveis. Para encontrar as formas primitivas do verbo português, faz-se mister recorrer aos paradigmas encontrados nas gramáticas da língua portuguesa e a partir deles deduzir os tempos primitivos e seus derivados. Ora, esse exercício demanda muito tempo. Quando não, dicionários de referência, como o de Antônio Houaiss (2009), trazem, entre os seus verbetes, os verbos e as formas que podem apresentar alguma dificuldade em sua conjugação. Para visualizarmos bem a proposta lexicográfica de Houaiss, cabe uma citação. Uma vez que o verbo *falar*, por exemplo, segue regularmente o paradigma da 1ª conjugação portuguesa, a entrada é seguida pelas diferentes acepções, pelas expressões construídas com o verbo, pela etimologia, sinonímia, antonímia e homonímia. O verbo *trazer*, por sua

6 Para efeitos didáticos, a orientação de Ernesto Faria (1985) parece-nos mais acertada que a de outras gramáticas, que indicam a retirada da desinência -o da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo (cf. ALMEIDA, 2000, p. 208-211). Por esta indicação, a noção de tema parece ficar comprometida para os discentes iniciantes, uma vez que, nos verbos latinos de 1ª e 3ª conjugação, com a retirada da desinência -o, à primeira vista, os discentes encontrariam não o tema, mas o radical. Sobre os verbos de 3ª conjugação, cabe uma nota: pela orientação de Ernesto Faria, o tema do infectum do verbo paradigma da 3ª conjugação *lĕgo, is, lĕgi, lectum, legĕre* seria *lĕgi-*; no entanto, o próprio latinista trata de explicar que a vogal -i- do presente, na 3ª conjugação, ocorre por transformações fonéticas da vogal temática com alternância -e/o-. Assim, -ĕ- (que evolui para -i-) deveria aparecer na 2ª pessoa do singular e plural e na 3ª pessoa singular: *lege-s > legis, lege-tis > legi-tis, lege-t > legi-t*; e -o- nas demais pessoas: *lego-o > lego, lego-mus > legi-mus, lego-nt > legu-nt*. (FARIA, 1985, p. 167). Nas demais formas do infectum, prevalece a vogal temática -e-, observados outros acidentes fonéticos.

vez, além dessas partes, é completado com um campo, (GRAM), em que são dadas as formas variáveis do verbo em relação ao paradigma da 2ª conjugação portuguesa:

GRAM conj.irreg.: 1) modo indicativo a) pres.: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem; b) pret.imperf.: trazia, trazias etc.; c) pret.perf.: trouxe \ss\, trouxeste \ss\ etc.; d) pret.m.-q.-perf.: trouxera \ss\, trouxeras \ss\ etc.; e) fut.pres: trarei, trarás etc.; f) fut.pret.: traria, trarias etc.; 2) modo imperativo: g) traz ou traze, (traga, tragamos,) trazei, (tragam); 3) modo subjuntivo: h) pres.: traga, tragas etc.; i) imperf.: trouxesse \ss\, trouxesses \ss\ etc.; j) fut.: trazer \ss\, trouxeres \ss\ etc.; 4) formas nominais: l) inf.pes.: trazer, trazes etc.; m) gerúndio: trazendo; n) part.: trazido. (HOUAISS, 2009)

A despeito de apresentar certa organização, a proposta de Houaiss poderia ser mais sistemática e mais econômica, se seguisse o modelo lexicográfico dos dicionários latinos.

Enquanto língua românica, a língua portuguesa, no que tange à flexão verbal, pode ser sistematizada tendo o Latim como *terminus a quo*, o ponto de partida. Como dito supra, a flexão verbal latina apresenta certa rigidez (MEILLET & VENDRYES 1960, p. 261). Essa rigidez é tamanha que mesmo os verbos considerados como irregulares são suscetíveis de padronização, todos seguem os mesmos parâmetros. É oportuno dizer que a irregularidade dos verbos em latim consiste no emprego de diferentes raízes em diferentes tempos<sup>7</sup>. Daí, o verbo mais irregular do latim, o verbo *sum, es, fui, esse*, tem duas raízes na formação do *infectum*: *su-* e *es-* (donde o infinitivo presente *esse* < \**es-re*, o pretérito imperfeito *eram* < \**es-am* e o futuro imperfeito *ero* < \**es-o*)<sup>8</sup>; e no *perfectum* o raiz *fu-*; o verbo *fero, fers, tuli, latum, ferre* (levar), muito usado em latim, apresenta duas raízes, do tema do *infectum* e do *perfectum*, absolutamente distintas.

Na base do latim, qualquer verbo, mesmo os “irregulares”, podem ser conjugados, bastando apenas o emprego das formas primitivas. Assim, da maneira como o dicionário latino apresenta um verbo, não há dificuldades na conjugação dos considerados “irregulares”, basta acrescentar aos respectivos temas as desinências de modo e de tempo,

7 A regularidade dos verbos latinos, como *sum* (ser), *eo* (ir) e *uolo* (querer), justificar-se-ia pela derivação da conjugação atemática indo-europeia (LINDSAY, 1914, p. 99).

8 É interessante o testemunho deixado por Varrão (De Lingua Latina, 9.100), em que se registra uma antiga forma da 1ª pessoa do singular do verbo *sum* em *esum*. O que sugere um único tema antigo de *infectum* para o verbo *sum*, *es-*.

e as desinências de número e de pessoa. Diferentes modificações podem ser verificadas entre as formas primitivas do latim, porém, são modificações de natureza fonética, como ocorrem em português: *tēndo, is, tētendi, tēsum e tētum, tēndere; mītto, is, mīsi, mīssum, mīttēre; dīco, is, -xi, -ctum, -cere; fācio, is, fēci, fāctum, fācere.*

Segue abaixo duas tabelas derivativas do verbo latino na base das duas formas primitivas aqui estudadas, a partir das quais podemos ter uma visão sinótica da formação dos tempos, modos e algumas formas nominais:

Tema do *infectum*:

Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	Infinitivo	Particípio
Presente	Presente	Presente	Presente	Presente
Imperfeito	Imperfeito	-	-	-
Futuro Imperf.	-	Futuro	-	-

Tema do *perfectum*:

Indicativo	Subjuntivo	Infinitivo
Perfeito	Perfeito	Perfeito
M. Q. Perfeito	M. Q. Perfeito	-
Futuro Perfeito	-	-

Como comentamos supra, do tema do supino formam-se outras formas nominais, pensando que o particípio e o infinitivo também podem ser considerados formas nominais. É pertinente, porém, observar o aspecto da voz: na voz ativa, o supino é a base do infinitivo e particípio futuros; na voz passiva, além dessas formas nominais (infinitivo futuro e particípio futuro ou gerundivo), o supino é base para o pretérito perfeito, mais-que-perfeito e futuro perfeito, flexionando com o particípio perfeito passivo, que sofrerá variação de gênero e número, e conjugando-se apenas o verbo auxiliar *sum*<sup>9</sup>. O gerúndio,

<sup>9</sup> Aqui é importante explicar que há uma particularidade na perífrase constituída pelo particípio perfeito e pelo auxiliar *sum* para formar a voz passiva nos tempos do *perfectum*: embora sirva para conjugar o perfeito, o mais-que-perfeito e futuro perfeito passivo, o auxiliar flexiona-se respectivamente *sum, eram e ero*. Assim, *amatus sum* traduz-se por eu fui amado; *amatus eram*, por eu fora amado; *amatus ero*, por terei sido amado. Ao que parece, é nesse momento que sentimos um traço temporal nos temas de *infectum* e *perfectum*, corroborando a afirmação de Faria (1985, p. 229) de que o *infectum*, no modo indicativo, independente da voz, apresenta um presente, um passado e um futuro (representados pelo presente, pretérito imperfeito e futuro imperfeito), de igual modo o *perfectum*, no modo indicativo, apresenta um presente, um passado e um futuro (representados pelo pretérito perfeito, mais-que-perfeito e futuro

voz ativa, e particípio futuro passivo, ou gerundivo, são formados na base do tema do *infectum*.

Segundo Maurer (1959, p. 124), no latim vulgar a distinção entre *infectum* e *perfectum* permaneceu, mas o *perfectum* tornou-se essencialmente pretérito. Para apresentar a noção do acabado, do concluído, o latim vulgar desenvolveu a perífrase de *habeo* com o particípio do verbo, por exemplo, *litteras scriptas habeo*. O alcance desse emprego chega às línguas românicas, mais especificamente ao Francês, *j'ai écrit*.

Levando-se em consideração as devidas mudanças, a conjugação verbal da língua portuguesa pode também ser sistematizada, facilitando, assim, o seu funcionamento aos discentes. Para isso, é importante mostrarmos o verbo português em suas formas primitivas.

Uma vez de posse dessas formas primitivas, como, então, entender a irregularidade dos verbos da língua portuguesa? Talvez a questão fundamental seja: o que, de fato, é irregularidade no verbo português, ou em que plano ela ocorre? A irregularidade na conjugação verbal do português pode, à primeira vista, se referir às desinências de pessoa e número. Como observa Câmara Jr. (1984, p. 111), porém, a mudança no radical constitui-se na irregularidade mais significativa.

Além das mudanças no radical, há outras causadas por alterações fonéticas que, *a priori*, podem parecer caprichosas e arbitrárias. Ver-se-á, contudo, que algumas dessas alterações já estavam presentes no latim, em especial no latim vulgar, e que também podem ser entendidas de maneira sistemática.

Se, portanto, aquilo que se considera como "irregularidade" pode ser entendida de maneira sistemática e, conseqüentemente, previsível, seria cabível uma reconceitualização do que se tem entendido por irregularidade, mormente no que concerne à conjugação verbal.

Diante de tal quadro, crê-se que a dificuldade da conjugação verbal pode ser consideravelmente amenizada por meio de uma apresentação das formas primitivas do verbo português, o que, como temos visto, é o modelo adotado, há muito, pela lexicografia latina.

### **Uma aplicação para o português**

---

perfeito), na voz passiva, esse traço temporal parece estar fortemente presente no verbo auxiliar (cf. nota 1).

O português, sincronicamente, não só perdeu a noção aspectual, que comentamos supra, mas também o emprego das formas primitivas como recurso didático-descritivo do verbo, no âmbito tanto da lexicografia quanto da gramática normativa, base do ensino linguístico nos níveis fundamental e médio. No tocante àquela, como vimos, os dicionários da língua portuguesa apresentam os verbos apenas no infinitivo, deixando o consulente sem nenhum recurso que lhe permita chegar às formas verbais, e, conseqüentemente, dando a falsa impressão de que a classe verbal é arbitrária. Sendo assim, a única saída para aprender o verbo português é memorizar paradigmas de todas as formas verbais regulares e, separadamente, todos os verbos irregulares.

Seguir o modelo lexicográfico latino poder resultar numa maneira eficaz de sistematizar o verbo português. Visualizemos com exemplos – a ordem do enunciado é a seguinte: a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo ativo, o infinitivo, a 2ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo ativo, corroborando a proposta de Camara Jr. (1984, p. 111 – 115) por seu didatismo, e o particípio – pensando primeiro em verbos regulares, para que as formas do enunciado fiquem bem fixadas: de primeira conjugação, *canto, cantar, cantaste, cantado*; de segunda conjugação, *vendo, vender, vendeste, vendido*; de terceira conjugação, *parto, partir, partiste, partido*.

Pelos paradigmas das três conjugações portuguesas, podemos estabelecer que o enunciado funciona da seguinte forma: da 1ª pessoa do presente do indicativo ativo, suprimindo a desinência *-o-*, deriva todo o subjuntivo presente (desinências modo-temporais *-e-* e *-a-*), como ocorria em latim e ainda ocorre em algumas línguas românicas – além do português, pensemos no espanhol *tener* (inf.), *tengo* (1ª pess. sing. do pres. ind.), *tenga* (1ª pess. do sing. pres. do subj.) –, do presente também retiramos os imperativos de 2ª pessoa do singular e do plural, ambos construídos com a supressão da desinência *-s-* (*amas – ama, amais – amai*); o infinitivo tem múltiplas funções, dele, pela supressão da desinência *-r-*, encontramos o tema, a partir do qual formamos o pretérito imperfeito (desinências modo-temporais *-va-* e *-ia-*), como o mesmo tema formamos o gerúndio (*-ndo-*), do infinitivo também formamos o futuro, com o verbo *haver* (*cabere + hei = caberei*), como fez o latim vulgar – o futuro do pretérito segue a mesma formação –, e do infinitivo formamos o infinitivo pessoal, pelo

acréscimo das desinências número pessoais; da 2ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo ativo derivamos, pela supressão da desinência número-pessoal *-ste-*, o pretérito mais-que-perfeito (desinência modo-temporal *-ra-*), o pretérito imperfeito do subjuntivo (desinência modo-temporal *-sse-*), e o futuro do subjuntivo (desinência modo-temporal *-r-*); por fim, o particípio, que, semelhante ao supino latino, é a base de algumas formas nominais e da voz passiva portuguesa.

A partir dos paradigmas mais regulares e do funcionamento das formas primitivas, muitos verbos considerados “irregulares” pelos dicionários e gramáticas poderiam ter uma simples e rápida assimilação, por exemplo, verbos como *receio, recear, receaste, receado; caibo, caber, coubeste, cabido; vejo, ver, viste, visto; e firo, ferir, feriste, ferido*. Todos esses verbos podem ser sistematicamente entendidos e conjugados. O grande problema da perspectiva sincrônica de *per se* está em transformar mudanças correntes e esperadas em exceções, fazendo com que o estudo de uma categoria gramatical se torne uma descrição exaustiva.

Alguns verbos há que apresentam alternância vocálica, por exemplo, /i/ - /e/ ou /u/ - /o/: *fiz - fez; pude - pôde*. Tais verbos devem ser entendidos com suas devidas alternâncias. Para isso, são necessárias algumas noções dos fenômenos fonéticos mais comuns na transição do latim ao português. Feito isso, testificar-se-á que muitas alterações devem seguir um princípio, elas seriam irregulares se assim não fossem, como nos casos de *habuit > houve; capuit > coube; sapuit > soube*. Outras alterações já eram percebidas em latim e ecoaram em português: *facere (inf) > fazer (inf.); fecit (perf.) > fez (perf.)*.

Para fins didáticos, serão apresentados os principais metaplasmos ocorridos na conjugação verbal da língua portuguesa.

### **Vocalismo e consonantismo na flexão verbal<sup>10</sup>:**

O a do latim, quer longo (*ā*) quer breve (*ă*), conserva-se em

10 Huber (1986, p. 53-97) apresenta alguns fatores importantes na acentuação das vogais latinas, principalmente a acentuação usada pelo latim vulgar, até chegar ao português. Huber observa que as vogais acentuadas evoluem de forma diferente das não acentuadas, considerando-se ainda que as vogais latinas a, e, i, o, u, no período clássico, poderiam ser respectivamente longas e breves. Mesmo herdando algumas características do vocalismo clássico, o latim vulgar desenvolveu um acento expiratório, ou seja, a sílaba acentuada tinha preponderância sobre as demais. As modificações das vogais ocorrem principalmente por influência de sons circundantes, precedentes ou subsequentes.

português: *bāttuo* ou *bătuo*, *is, i, ere: bater*; *lăuo*, *as, lāui*, *atum, are: lavar*; *pārtio*, *is, iui e ij, itum, ire: partir*; *cānto*, *as, aui*, *atum, are: cantar*, entre outros exemplos. Porém, já em latim o *ã* seguido por *ĩ* breve sofre apofonia: *făcio* > *fēci*; *căpio* > *cēpi*; *părio* > *pěpěri*. Em português, o ditongo latino *ai* modifica-se, por assimilação, para *ei*: *basiu* > *\*baisu* > *beijo*; *primariu* > *\*primairu* > *primeiro*; *amaui* > *\*amai* > *amei*. O ditongo *au* chega ao português na forma *ou*: *tauru* > *touro*; *aut* > *ou*; *thesauru* > *tesouro*; *nos verbos*, chega ao português por hipétese: *habui* > *\*habui* > *houve*; *sapui* > *\*saupi* > *soube*; *capui* > *\*caupi* > *coube*; *\*traxui* > *\*trauxi* > *trouxe*<sup>11</sup>. Pelos exemplos citados, tais fenômenos, que seguem regras fonéticas, devem ser encarados como irregulares ou não seria melhor falar de regularidade?

O *e* e *o* do Latim, pondo de parte a quantidade, foram influenciados pelos sons vizinhos, mudando-se, por metafonia, respectivamente para *i* e *u* ou iode [j] em português, ou, simplesmente, sofrendo a alternância entre *e* aberto e fechado, por exemplo, *eu verto* [´vertu], *tu vertes* [´vertis]; *quaero, is, ere: querer, quaesiui* > *quis*; *seruio, is, ire: servir* > *sirvo*; *sequeo, is, ere: seguir* > *sigo*; *sentio, is, ire: sentir* > *sinto*; (de)expedio, *is, ire: despir* > *dispo*; *cooperio, is, ire: cobrir* > *cupro*; *mentio, is, ire: mentir* > *mino*; *tenere – ter* > *teneo – tenho, tenui* > *tive*; *dormio, is, ire: dormir* > *durmo*; *posse* > *\*potere: poder, potui* > *pude*; *uideo, es, ere: ver, \*uidio* > *\*uijo* > *vejo*, como o advérbio *hodie* > *hoje*; *sedeo, es, ere: ser, sedeam* > *\*sedia* > *seja*. Outros verbos não apresentam alternância fonética na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, mas nas outras pessoas do singular e na 3ª pessoa do plural: *subir* > *subo, sobes, sobe...sobem*; *fugir* > *fujo, foges, foge...fogem*. Segundo Huber (1986, p. 93), essas alterações estavam presentes no português desde o século XIV.

Outros verbos apresentam modificações consonantais: (lat. vul.) *metire* > *medir, metio* > *meço*; *peto, is, ere* > *pedir*, (lat. vul.) *\*petio* > *peço*; *audio, is, ire: ouvir* > *ouço*, segundo Williams (1986, p. 91), o *d + i* chegou ao português na forma *ç-*; *facio, is, ere: fazer* > *faço*; *perdo, is, ire: perder* > *perco*; *ualere* > *valer*; *ualeo* > *valho*; *sapere* > *saber, \*saio* > *\*sai* > *sei*; *ponere* > *pôr, \*poneo* > *ponho*; *uenire* > *vir, uenio* > *venho*.

11 Do latim clássico *traho, is, ere, traxi, tractum*. Segundo Williams, este verbo tem dois radicais diferentes em latim vulgar: *\*trac-* ou *\*trag-*. As formas de *\*trag-* desapareceram no português moderno, porém preferidas em português arcaico, donde as formas da 1ª pessoa do presente do indicativo e as formas do presente do subjuntivo.

Alguns verbos há que escapam a todas as projeções isso ocorre, por exemplo, com o verbo *ser, sou > seja*, e o verbo *saber > sei > saiba*. Isso se dá ou por uma dupla etimologia – como é o caso do verbo *ser*, que funde as formas derivadas do verbo latino *esse* com as formas derivadas do verbo *sedeo, es, sedi, sessum, sedere* – ou por algum acidente inesperado. Para esses verbos fazem-se necessárias as devidas anotações.

De tudo que foi observado, percebe-se que a lexicografia latina pode servir de modelo para a lexicografia do verbo português, e, por extensão, para compreensão de seu sistema e funcionamento. O que se chama de irregularidade, no tocante aos verbos, é relativa, à medida que é possível uma abordagem sistêmica. As chamadas formas primitivas são fundamentais para a conjugação latina. A conjugação portuguesa pode apresentar o verbo de modo similar, seguindo as sugestões apresentadas neste trabalho. Contudo, a solidificação do conteúdo, como se viu, será mais interessante com o entendimento de algumas alterações fonéticas.

## Referências

ALI, S. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

ALMEIDA, N. M. **Gramática Latina**. São Paulo: Saraiva, 2000.

CÂMARA Jr, J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1984.

FARIA, Ernesto. **Gramática superior da língua latina**. FAE – Ministério da Educação e do Desporto, 1985.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.; DE MELLO FRANCO, F. M. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009. [Não paginado].

HUBER, J. **Gramática do português antigo**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986.

LINDSAY, W. M. **A short historical latin grammar**. Oxford, 1914.

LONGO, G. **Ensino de latim: problemas linguísticos e uso de dicionário**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa), Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2006.

MAURER Jr, T. H. **Gramática do Latim vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

MEILLET, A & VENDRYES, J. **Traité de grammaire comparée des langues classiques**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1960.

NUNES, J. J. **Compêndio de gramática histórica portuguesa**. Lisboa: Clássica, 1945.

SARAIVA, F. R. dos S. **Dicionário Latino – Português**. 12ª Edição. RJ: Livraria Garnier, 2006.

WILLIAMS, E. B. **Do Latim ao Português**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1986.

Recebido em 25 de março de 2013.

Aceito em 06 de julho de 2013.